

JORNAL-MURAL *CONTRA INFORMAÇÃO*: A EXPERIÊNCIA COMPLETA¹

Gabriele Duarte da SILVA²

Ricardo BARRETO³

Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, SC

RESUMO

O presente artigo destina-se à análise da produção do jornal-mural *Contra Informação*, desenvolvido como avaliação final da disciplina Edição, ministrada pelo professor Ricardo Barreto, durante o segundo semestre de 2011, no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Baseado no livro *Os últimos soldados da Guerra Fria*, o *Contra Informação* é composto por cinco matérias e uma entrevista feita com o autor do best-seller, o jornalista e escritor Fernando Morais. Diferindo da maioria dos jornais-mural, o *Contra Informação* foi um produto desenvolvido exclusivamente de maneira pedagógica, e não institucional, possibilitando a prática de exercícios de apuração, escrita, diagramação e, principalmente, edição – que é um dos maiores desafios do bom jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; jornal-mural; edição; entrevista; comunicação.

1 INTRODUÇÃO

O jornal-mural (JM) é um formato jornalístico geralmente utilizado em ocasiões institucionais. Segundo Fábio França (1988), é uma das formas mais rápidas e eficientes de comunicação empresarial, por se tratar de um instrumento dinâmico, imediato e de baixo custo. Mas, para se tornar eficiente, o jornal mural deve dispor de planejamento prévio, programação visual e ainda contar com recursos gráficos, como fotos e ilustrações. O JM, segundo França (1988), deve fazer parte do planejamento global da comunicação da empresa e atender às suas necessidades de informação, complementando outros veículos empresariais de comunicação.

Apesar de tais especificidades, o jornal mural é uma atividade essencialmente jornalística e que pode ser desenvolvida para diversos fins. Prova disso, é a elaboração do *Contra Informação*, JM produzido como método de avaliação final da disciplina Edição – o conjunto das atividades relativas à reprodução, publicação e distribuição de materiais.

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Jornalismo, modalidade Jornal Mural Avulso.

² Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFSC, email: duartes.gabriele@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFSC, email: blue@cce.ufsc.br.

Cada aluno matriculado na disciplina teve de escolher um livro – seja por sugestão própria, ou de uma lista oferecida previamente pelo professor Ricardo Barreto – e basear o JM na publicação em questão. França (1988) explica que o Jornal Mural tem como característica ser uma comunicação dirigida essencialmente ao público interno, o que lhe permite a veiculação de dados reservados somente a esse público. A partir dessa perspectiva, pautas que interessassem o público dos jornalistas foram estimuladas pelo professor, como em uma tentativa de crítica de mídia.

2 OBJETIVO

O principal desafio da produção do JM é a edição. Seja de títulos, texto, legendas de fotos ou linhas finas, o poder de editar foi plenamente exercitado ao longo da disciplina e colocado em prova ao seu fim, com o JM.

O estímulo à criação de títulos claros, objetivos e inteligíveis, que transmitam o “espírito” da reportagem em questão, foi feito pelo professor Ricardo Barreto ao longo de todo o semestre. Como exercício, a cada aula professor entregava uma matéria publicada em jornais – laboratoriais ou da grande mídia – e estipulava um número de caracteres para o título, linha fina (ou “olho”), legendas, cartolas, e olhos-detache. Ao fim da disciplina, o resultado de toda essa prática foi cobrado na avaliação do JM.

Em razão do formato do JM, a necessidade de se ter bons títulos é ainda maior. O leitor que passa e observa o JM, deve entender na primeira leitura o título em questão. Principalmente pelo fato que aponta França (1988), de que o JM deve ficar exposto em locais de grande circulação, e isso leva a acreditar que dificilmente o leitor vai estar sozinho e totalmente concentrado enquanto observa a publicação. Mais do que claro, o título deve ser o fator principal que incentive a continuação da leitura.

Partindo do pressuposto de que a disciplina Edição sucedeu a de Planejamento Gráfico, outro desafio foi imposto à prática do JM: o de torná-lo atrativo e inteligente visualmente, por meio de uma boa pré-diagramação (revelando todo o planejamento necessário) e diagramação, e o de dispor as matérias corretamente na página. Pode-se ter como exemplo a colocação da entrevista com o autor, que merecia destaque, na página ímpar do jornal (chamada de A2 na publicação apenas por uma questão de estilo) e no canto superior direito, o que dá ainda mais ênfase ao conteúdo.

3 JUSTIFICATIVA

A utilização do JM é relevante e única. Ao contrário da mídia impressa, que pode ser levada para públicos externos, o JM é uma comunicação dirigida essencialmente a um público específico, devendo veicular dados reservados a este público. Nesse aspecto, a maioria dos livros escolhidos pelos alunos desenvolverem o trabalho, envolviam comunicação e jornalismo, uma vez que os trabalhos ficam, anualmente, expostos durante a Semana do Jornalismo da UFSC, evento acadêmico voltado a profissionais e estudantes da área.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Levando-se em consideração a extrema flexibilidade do formato, pode-se, em determinadas circunstâncias, montar um JM totalmente dedicado a um só tema, explorado em sua totalidade. Foi o que aconteceu com o *Contra Informação* – desenvolvido a partir do livro *Os últimos soldados da Guerra Fria* e correspondendo à expectativa do professor quando lançou o desafio: a de “dissecar” a obra e produzir matérias a partir das impressões obtidas.

A partir da escolha do livro, que, na data em questão, havia acabado de ser lançado e já estava entre os mais vendidos no Brasil, e da leitura detalhada e crítica da obra, deu-se início à sugestão de pautas, em paralelo ao curso normal da disciplina. Pauta é o roteiro a partir do qual uma reportagem é escrita. Conforme o professor Ricardo Barreto, uma edição começa a ser boa ou ruim na pauta, por isso o planejamento da edição do JM *Contra Informação* foi feito com cuidado.

O planejamento tem todas as vantagens, do ponto de vista da administração. Garante interpretação dos eventos menos imediata, emocional ou intempestiva. Diminui a pulverização em atividades não produtivas. Permite gestão adequada dos meios e custos a serem utilizados ou investidos numa reportagem, [...] No caso dos jornais, viabiliza a realização de pesquisa prévia para ampliar uma cobertura, a produção de ilustrações e a concentração de recursos em matérias consideradas de interesse maior, deslocando pessoal, financiando viagens e contratando serviços sem enlouquecer a gerência de investimentos.” (LAGE, 2001, p.36)

Ainda assim, a rigidez nas pautas não foi imposta pelo professor, que deixou os alunos livres para pensar nas pautas mais interessantes e que apenas uma leitura atenta ao livro poderia despertar.

(...) pautas muito detalhadas e precisas, linhas editoriais rigidamente definidas conduzem a uma situação em que o repórter se limita a relacionar os fatos, depoimentos e dados estatísticos conforme as interpretações que lhe chegam prontas- como se estivesse preenchendo um formulário. (LAGE, 2001, p.41)

Outra etapa de extrema importância durante a realização do JM foi a de pesquisa. No caso específico do *Contra Informação*, foi necessária a leitura de outro livro do mesmo autor, *A Ilha*, de 1976. Basear-se apenas na fonte é arriscar-se na superficialidade. A pesquisa, no jornalismo, possibilita abordagens mais amplas, utilização de dados e, principalmente a contextualização, que é de extrema relevância em boas reportagens. É necessária uma maior documentação e maior número de matérias irrefutáveis, que tragam impacto e debate à sociedade.

É comum quem pensa em reportagem negligenciar a pesquisa. A imagem corriqueira do repórter é de alguém dependente de fontes- isto é, aos documentos primários de que se origina a informação levada a público. No entanto, todo repórter, confrontando-se com assessores de imprensa e entrevistados, já sentiu o desejo de ir adiante, fuçar papéis e arquivos em busca de verdade mais completa, menos tendenciosa ou mais conforme o desejo de saber do público. (LAGE, 2001, p 133)

A necessidade da pesquisa é justificada no próprio contexto da obra utilizada, que traça a história política de Cuba e dos Estados Unidos. Para elaboração da matéria “Rede Secreta liberta Cuba de terrorismo”, essa realidade é confirmada. Ainda que o livro traga um completo dossiê sobre o assunto, uma pesquisa adicional para maior compreensão do assunto é essencial. Com esse aprofundamento, por exemplo, a autora do JM descobriu a existência de uma associação – com sede e representação em Florianópolis – que luta pela libertação dos cubanos que ainda estão presos nos Estados Unidos. Dessa forma, uma entrevista com o representante da Associação Cultural José Martí em Santa Catarina enriqueceu a matéria que, anteriormente, seria baseada apenas em relatos históricos.

Novidade para os alunos de Edição do segundo semestre de 2011, acostumados até então apenas à notícia, deu-se início ao desdobramento dos fatos, possibilitado pela reportagem. O factual e o gancho foram deixados de certa forma de lado, e deram lugar ao exercício de prolongamento das ideias, possibilitado na reportagem.

Embora a reportagem não prescindir de atualidade, esta não terá o mesmo caráter imediato que determina a notícia, na medida em que a função do texto é diversa: a reportagem oferece detalhamento e contextualização àquilo que já foi anunciado, mesmo que seu teor seja predominantemente informativo. (SODRÈ e FERRARI, 1986, p.11)

Ainda assim, a busca pelo ineditismo foi constante. A matéria do box da segunda página (“Realidade após 50 anos da Revolução é contada”) foi considerada exclusiva, uma vez que a jornalista do jornal “O Globo” Ludmila Curi não tinha revelado ainda à ninguém sobre a filmagem clandestina do documentário em Cuba.

Um dos objetivos de cada aluno era o de estabelecer contato com o autor do livro utilizado para o JM, para a realização de uma entrevista exclusiva, para que fossem elucidadas algumas questões que, por ventura, tenham ficado confusas, ou simplesmente aprender com o entrevistado. Cremilda de Araújo Medina (1986) defende uma relação humanizada no ato da entrevista jornalística. A autora afirma que a inter-relação verdadeira ocorre quando entrevistador e entrevistado são “modificados” pelo contato que tiveram e se estabelece um vínculo eu-tu, suplantado o limite estanque formatado na redação.

A entrevista pode ser apenas uma eficaz técnica para obter respostas pré-pautadas por um questionário. Mas certamente não será um braço da comunicação humana, se encarada como simples técnica. Esta – fria nas relações entrevistado-entrevistador – não atinge os limites possíveis da inter-relação, ou, em outras palavras, do diálogo. Se quisermos aplacar a consciência profissional do jornalista, discuta-se a técnica da entrevista; se quisermos trabalhar pela comunicação humana, proponha-se o diálogo. (MEDINA, ANO, p. 5)

No ato da entrevista com o autor Fernando Morais, a autora do JM estava com um roteiro de perguntas previamente elaborado junto ao professor Ricardo Barreto. Porém, quando finalmente se conseguiu marcar a entrevista, depois de muitos e-mails e telefonemas, o roteiro não foi totalmente utilizado, uma vez que a conversa adquiriu tom de bate-papo informal, e em razão disso, o diálogo aconteceu com o maior número de informação apreendida possível.

O resultado de quarenta minutos de conversa ao telefone rendeu uma entrevista que teve de sofrer forte poder de edição. Cerca de treze mil caracteres foram transformados em três mil, o que figurou o grande exercício de edição do trabalho – da necessidade fazer caber o conteúdo no espaço previsto, e de ser fiel ao diálogo obtido com o autor do livro.

Partindo para uma análise gráfica, o Jornal Mural deve ser diagramado de maneira que desperte o interesse e a curiosidade do público leitor, destacando títulos, brincando com cores e boxes coloridos. Para uma matéria de tamanho reduzido, mas de alta relevância, foi usado o recurso de cor nos boxes e de “coluna falsa”. Até mesmo o filete das fotos (ou o contorno) foi utilizado como um recurso de valorização das imagens, que foram cuidadosamente escolhidas. O uso de cores também foi previamente pensado pela autora do JM, que optou por três cores alusivas à bandeira de Cuba, e que também estão consoantes à imagem do avião-caça – imagem de fundo das duas páginas do JM.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O *Contra Informação* é um JM composto de duas páginas em tamanho A3, diagramado em cinco colunas, e impresso em papel *couchet* de gramatura média. A

logomarca do JM também foi desenvolvida pela autora, assim como toda a diagramação e escolha das fotos, que procuraram privilegiar o conteúdo abordado – fotos históricas, dado o enredo do livro; e enigmáticas, como a da entrevista.

O JM é dotado de um único tema: o livro *Os últimos soldados da Guerra Fria*, de Fernando Morais. A matéria principal trata-se da resenha crítica do livro, as outras quatro estão ancoradas nessa última: “Rede secreta liberta Cuba de terrorismo”; “García Marquez é pombo-correio de Castro e Clinton”; “Novas diretrizes tentam reestruturar a Ilha de Fidel” e “Realidade após 50 anos da Revolução é contada”. Vale destacar, ainda, a entrevista exclusiva com o autor do livro, destaque na segunda página do JM: “Autor volta a Cuba para escrever o décimo livro”.

A linha inferior (“O perfil dos cinco heróis cubanos”) com as fotos e biografia dos cinco cubanos retratados no livro foi um mecanismo de edição e diagramação encontrado para dar leveza à publicação, além de dispor a informação de forma objetiva. Na parte ainda mais inferior, foram destacadas duas “frases de efeito” do livro, o que caracterizou outro recurso de destaque e elemento atrativo à leitura.

6 CONSIDERAÇÕES

Realizado ao fim da quarta fase – metade do curso de Jornalismo da UFSC – a execução do JM pode ser considerada um dos trabalhos mais importantes, estimulantes e desafiadores de toda a graduação. Aos apaixonados por jornalismo, a experiência é única, dada a possibilidade de se pensar e criar uma publicação por inteiro, passando e sendo responsável por todas as partes.

Poder opinar na resenha ou na edição de alguns títulos e linhas finas, apurar com rigor as matérias, e ter o prazer de conseguir uma entrevista exclusiva com o autor do livro trabalhado configuram uma experiência completa de fôlego e satisfação a estudantes de jornalismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRANÇA, Fábio. **Jornal Mural: Nova e Eficiente Opção.** Disponível em <http://www.portal-rp.com.br/bibliotecavirtual/relacoespublicas/comunicacaodirigida/0059.htm> acessado em 18/04/2012, às 9h51.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MORAIS, Fernando. **Os últimos soldados da Guerra Fria**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1986.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Redação: o texto nos meios de informação**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem: Notas sobre a Narrativa Jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

ANEXOS



CONTRA Informação

Florianópolis, 3 de novembro de 2011 | Edição 1 | Ano 1

Curso de Jornalismo da UFSC
Atividade da disciplina Edição
Professor: Ricardo Barreto
Textos, edição, planejamento
gráfico e editoração eletrônica:
Gabriele Duarte
Impressão: Gráfica Postmix
Novembro de 2011

A máfia cubano-americana em Miami

Livro-reportagem revela a espionagem da Rede Vespa em organizações anticomunistas nos Estados Unidos

Soy oficial del ejército cubano y estoy desertando! I am a Cuban army's officer and I am deserting! Soy cubano! Estoy desertando! Essas foram as primeiras palavras ditas por René González ao chegar aos Estados Unidos. Seu desaparecimento pelos céus de Cuba rumo a Miami foi explicado à família como deserção. Por cinco anos, a mulher e a filha do combatente deixaram de responder com frequência suas cartas, fiéis ao regime da Ilha, sem desconfiar de que o pai de família na verdade atuava como agente duplo. Fernando Morais o escolhe porque sua história encerra o drama do espião cubano, desprovido de uma vida de glamour, ou mesmo de uma existência de sua escolha, levado a agir para defender Cuba de ataques terroristas promovidos por organizações anticomunistas da Flórida. História real da primeira à última página, mas que pode ser lida como um romance de espionagem. Assim se define a última obra do

jornalista Fernando Morais, que compõe um dossiê sobre a relação (ou falta dela) diplomática entre Cuba e Estados Unidos no início da década de 90. *Os últimos soldados da Guerra Fria* (416 páginas, Companhia das Letras, 2011) conta a história da Rede Vespa, um grupo de doze homens e duas mulheres que se infiltrou em 47 organizações de extrema direita contrárias ao regime de Fidel Castro. Inspirado em Ian Fleming, o escritor fala de espionagem, bastidores da política, máfia e da relação entre dois países separados por 130 quilômetros de distância e ideologia.

Baseado em documentos oficiais, em entrevistas com 38 personagens envolvidos, e em mais de 120 fotos, Fernando Morais compõe mais uma grande reportagem. O autor é reconhecido em obras consagradas como *Olga, Chatô: O Rei do Brasil*, *Corações sujos* e *A Ilha*. Ele, que foi o primeiro repórter brasileiro a ir até Cuba depois da Revolução, relembra muito da experiência que resultou em *A*



Livro a uma verdadeiro dossiê da Rede Vespa

Ilha. Ainda que tenha escolhido os espões cubanos como "mocinhos", dessa vez o autor analisa com mais sobriedade as mazelas do país.

A despeito disso *Corações sujos* é o livro que mais se aproxima da temática explorada por Fernando Morais em seu último livro, pela abordagem que faz do inusitado: no primeiro, uma máfia japonesa no interior paulista, nesse último, a máfia cubano-estadunidense na

Flórida. Em oito anos essa mesma máfia promoveu 127 ataques terroristas, sem contar as invasões constantes do espaço aéreo cubano com aviões-caça para lançar panfletos que iam contra a política da ilha. Os contrarrevolucionários enviados por Cuba contribuíram para interceptar e pôr fim às atividades subversivas. Eles enviaram cerca de 30 mil documentos sobre os planos que as organizações tinham de enfraquecer o país vizinho.

O autor expõe em detalhes grupos como a *Hermanos Al Rescate* e a *Alpha 66*, que se diziam humanitários por auxiliar a travessia dos dissidentes balseiros. Mas o real objetivo dessas organizações também foi detalhado e consistia em contratar mercenários na América Central para atacar Cuba. Um deles provocou a morte de um turista italiano, no famoso caso da boate *Tropicana*.

Acusados de espionagem militar aos Estados Unidos, os agentes secretos foram presos em uma

operação que mobilizou mais de 200 policiais da inteligência americana. Em um julgamento duvidoso, eles foram condenados à penas que variaram entre 15 anos à prisão perpétua.

Em um grandioso trabalho de investigação, o autor busca entender as ramificações das organizações anticomunistas e da Rede Vespa. Dono de uma costura narrativa própria, o autor escolhe o ponto de vista dos personagens, como em um romance de ficção, o que transforma uma história interessante em uma trama envolvente, que vai virar filme dentro de dois anos pelas mãos do cineasta Rodrigo Teixeira.

O desafio de noticiar um caso esquecido pela imprensa e tido como segredo de Estado, foi cumprido. Fernando Morais reforça imparcialidade narrativa, sofisticados recursos literários e ampla pesquisa. O livro exige do leitor boa dose de cumplicidade, já que os achados informativos de Fernando não têm nota de rodapé.

García Márquez é pombo-correio de Castro e Clinton

Na década de 90, Fidel Castro tentou algumas vezes alertar Bill Clinton das atividades subversivas a Cuba. Em 30 ocasiões, Havana formalizou protestos contra Washington pela invasão de seu espaço aéreo por aviões-caça vindos dos Estados Unidos, sem nenhum efeito. Em razão do embargo estabelecido pelos EUA a Cuba e que dificulta a relação entre os dois países até hoje, quem possibilitou a troca de correspondência secreta entre os dois líderes foi o Prêmio Nobel de Literatura Gabriel García Márquez.

O escritor colombiano redigiu um texto de quatro mil palavras, obtido por Fernando Morais, relatando sua apreensão em portar a mensagem, entregue ao diretor do Conselho de Segurança Nacional da Casa Branca.

Rede secreta liberta Cuba de terrorismo

Os grupos anticomunistas de Miami inauguram suas trajetórias logo após a vitória da Revolução Cubana. Desde então, colecionam atos terroristas contra Cuba, em boa parte destinados a sabotar as condições de existência no país. Essas organizações proclamavam-se humanitárias por ajudar os dissidentes nas fugas, mas lançavam pragas nas lavouras cubanas e interferiam nas transmissões das torres de controle de tráfego aéreo dos aeroportos cubanos.

Na década de 90, Cuba abriu-se aos investimentos privados estrangeiros na indústria turística. O crescimento nesse "período especial", expandiu-se à taxa de 20% ao ano e o país recebeu 1,5 milhão de estrangeiros a cada temporada.

Daí em diante, não seria mais o açúcar, mas o turismo, que constituiria o pilar mais importante da economia cubana e, consequentemente, o foco dos ataques terroristas dos grupos de extrema-direita dos Estados Unidos. Na primeira metade dos anos 90, os grupos anticomunistas realizaram 127 opera-



Ruze (abaixo) infiltrado nos Estados Unidos

ções terroristas com o objetivo de afugentar os turistas. Mercenários infiltrados entre os estrangeiros explodiam bombas nos melhores hotéis de Havana e banhistas eram alvejados, nas praias cubanas, por tiros de metralhadora disparados de embarcações.

A partir de então, o governo de Cuba decidiu estabelecer em sigilo a Rede Vespa, uma ampla operação de espionagem dos grupos terroristas, infiltrando agentes secretos. Doze cubanos e duas cubanas simularam fugas cinematográficas de Cuba para os Estados Unidos,

foram recebidos lá como heróis anticomunistas e ajudaram a pôr fim aos atos de terrorismo durante. Em oito anos de operação, os espões enviaram 30 mil folhas de informações secretas a Cuba através de sistemas de rádio e *beeper*.

Em 1998, em uma operação planejada por três anos pelo FBI e pela SWAT - a polícia de inteligência americana, os agentes foram simultaneamente capturados e presos. Luta pela libertação - Dos 14 agentes secretos, 10 terminariam presos pelo FBI. Cinco adeririam aos programas de delação premiada do sistema judiciário estadunidense, e outros cinco resistiriam até o fim, negando-se a colaborar com as autoridades policiais e sendo condenados a cumprir duras penas em presídios de segurança máxima nos Estados Unidos até hoje.

Em outubro de 2011, René González foi solto após cumprir a pena de 13 anos na cidade de Marianna, estado de Arkansas. Ele ainda deve permanecer três anos em "prisão vigiada" nos Estados Unidos.

Os cubanos transformaram-se em heróis contra o terrorismo e diversas organizações surgiram a seu favor. Pelo mundo existem cerca de 300 Comitês de Solidariedade. Grande parte dessas estruturas funciona na Europa e na América Latina.

Em Santa Catarina, a defesa aos cubanos é representada pela Associação Cultural José Martí. O vice-presidente Edison Puentes conta que existem associações em todo o país e que elas tiveram início logo após a Revolução Cubana, como uma forma de apoio ao regime.

As associações consideram a prisão dos agentes uma violação dos Direitos Humanos e realizam várias manifestações a cada dia cinco do mês. Edison lembra que no ano passado, houve mobilização de uma frente parlamentar com seis deputados na Assembleia Legislativa de SC a favor dos cubanos presos. No ano passado, a ACJM-SC também enviou à Casa Branca cerca de 200 correspondências manifestando repúdio a "uma prisão injusta, de cinco patriotas".

Perfil dos cinco heróis cubanos



Fernando González (Havana, 1963), casado, graduado pelo Instituto de Relações Internacionais, do Ministério de Relações Exteriores de Cuba.



René González (Chicago, 1956), casado, duas filhas, piloto e instrutor de voo. Foi o primeiro cubano libertado, em outubro de 2011.

A1 *A opinião pública internacional precisa saber que é mais seguro fazer turismo na Bósnia-Herzegovina do que em Cuba*

Henrique Posada Carriles, líder do grupo anticomunista *Hermanos Al Rescate*



CONTRA Informação

Florianópolis, 3 de novembro de 2011 | Edição 1 | Ano 1

Curso de Jornalismo da UFSC
Atividade da disciplina Edição
Professor: Ricardo Barreto
Textos, edição, planejamento
gráfico e editoração eletrônica:
Gabriele Duarte
Impressão: Gráfica Postmix
Novembro de 2011

Novas diretrizes tentam reestruturar a ilha de Fidel

O governo de Cuba legalizou a compra e a venda de automóveis para todos os cidadãos no final de setembro de 2011, sinalizando outro passo na transformação econômica da ilha. Desde que Fidel Castro adoeceu, em julho de 2006, e seu irmão mais novo Raúl Castro anunciou a possibilidade de mudanças – principalmente no âmbito econômico, prejudicado desde o bloqueio econômico imposto pelos Estados Unidos em 1962 e condenado formalmente pela Organização das Nações Unidas.

As novas diretrizes da política econômica e social foram aprovadas nas sessões do sexto Congresso do Partido Comunista de Cuba (PCC) e anunciadas no início de 2011. As 300 reformas adotadas por Castro, das quais algumas já estão em vigor, vão liberalizar a economia cubana por darem maior ênfase à iniciativa privada, reduzir subsídios, descentralizar o governo e cortar 1 milhão de pessoas da folha de pagamento estatal. Segundo o informativo distribuído à população, a meta é assegurar o futuro do comunismo cubano depois que Fidel Castro e sua equipe de governo não estiverem mais no poder.

O presidente tem demonstrado crescente impaciência nos últimos meses com a lentidão na implementação de suas medidas, que ele atribui à resistência a mudanças e à burocracia. Em recentes aparições públicas ele tem pedido para que rejeitem velhos dogmas revolucionários e incorporem novas maneiras de pensar.



Cubanos agora podem ter seus carros próprios

Realidade após 50 anos da revolução é contada

A jornalista do *O Globo* Ludmila Curi está produzindo um novo documentário que pretende contar a atual situação econômica, política e social de Cuba. Em seu terceiro projeto independente, a videorepórter conta com a parceria do jornalista Mario Campagnani, do *Extrê*. O documentário, que ainda não tem nome, está sendo finalizado e deve ser lançado no início de 2012.

Ludmila fez as filmagens em agosto deste ano. Ela entrevistou a população e filmou os lugares mais conhecidos de Cuba. Tudo de forma clandestina, devido à repressão que o governo ainda exerce. "A maior dificuldade foi conseguir que as pessoas falassem suas reais opiniões sobre a realidade do país, uma vez que elas têm medo de retaliação".

O objetivo é mostrar as transformações que estão acontecendo na ilha depois que Raúl Castro assumiu o poder. A jornalista afirma ter visto muita corrupção e desigualdade em Cuba, e teme que as mudanças agravem a situação e a pobreza local. "Gostaria que Cuba passasse por uma revolução que realmente colocasse o povo no poder, mas não vi nenhuma organização política sólida nesse sentido".



Jornalista produz o terceiro documentário

ENTREVISTA: FERNANDO MORAIS, JORNALISTA E ESCRITOR

Autor volta a Cuba para escrever o décimo livro

Após 35 anos, novo *best-seller* tem o mesmo rigor de *A Ilha*

O mineiro de Mariana fala das principais dificuldades na apuração que envolveu 20 viagens a Cuba, EUA e México, das entrevistas com 38 pessoas, a atuação de García Márquez, e avalia o silêncio da mídia com relação à Rede Vespa. Aos 65 anos, o autor revela a vitalidade de um jovem repórter e admite que é o jornalista que o mantém vivo. Perguntado qual foi a sensação de portar cerca de 6 mil documentos, secretos, ele dispara: "Todo jornalista tem um pouco de espião".

Contra Informação - Como surgiu a vontade para escrever o livro? A pouca divulgação na imprensa foi a maior motivação? Fernando Morais - Eu estava num táxi com a minha mulher quando ouvi no rádio que agentes de inteligência cubana tinham sido presos. Esses cinco agentes não aceitaram fazer acordo, disseram: "Não somos espíões, nunca quisemos nem queremos tocar num único documento norte-americano, viemos aqui para nos infiltrar em organizações de extrema direita que estavam colocando bombas em Cuba". Vi nessa história o que se aprende no primeiro ano dos cursos de Jornalismo: "Quando o cachorro abana o rabo, não é notícia. A notícia é quando o rabo abana o cachorro". A inversão da espionagem me motivou mais que tudo. O fato de apenas jornais da Flórida terem noticiado foi um detalhe. Às vezes, o silêncio da mídia pode ser pior que a agressão. A ameaça que o jornalista do *New York Times* Larry Rohter sofreu tendo a casa bombardeada por noticiar o julgamento dos cubanos, mostra o grau de sectarismo da história. CI - Qual foi a maior dificuldade na apuração? FM - Tive dificuldades nos dois lados. As principais foram: demora para conseguir o dossiê que Fidel Castro entregou a Bill Clinton comprovando as ações terroristas no território cubano; ter acesso ao informe que García Márquez

reproduziu também a Bill Clinton para alertar o governo americano para o impedimento aos atentados, a pedido do líder de Cuba; e a permissão para entrevistar os mercenários presos. A minha proximidade com Cuba facilitou a liberação dos documentos oficiais, mas ainda assim demorei 2 anos para conseguir tudo. No lado dos EUA, a desconfiança foi grande: "O que esse brasileiro metido está querendo com essa história?". Para conseguir o material e ter acesso aos personagens, pedi ajuda até para Hugo Chávez.



Morais, o último soldado do bom jornalismo

A ameaça que Rohter sofreu por noticiar o julgamento dos espíões mostra todo o grau de sectarismo da história

CI - Poucos cubanos sabiam da missão da Rede Vespa. Qual foi a principal ação dos espíões e como eles são vistos hoje em Cuba? FM - Ninguém sabia! Só altíssimo escalão, Fidel, Raúl Castro e mais dois ou três dirigentes do partido. Os caras saíram de Cuba como traidores, como desertores, gente que roubou avião... As famílias não podiam saber. Era doloroso. Graças à Rede Vespa e a uma maior vigilância dos EUA depois do 11 de setembro, os atentados à Cuba acabaram e vários mercenários foram presos. O parlamento cubano os considera oficialmente heróis. Nas ruas, há placas que dizem "Eles voltarão".

CI - Os EUA pretendem afrouxar a pena dos cubanos? FM - Tenho uma declaração do ex-presidente Jimmy Carter dizendo que espera que Barack Obama os coloque em liberdade. Eu tenho esperança de que o Obama possa indultá-los não neste mandato, mas se for reeleito. Se o fizer agora, a dificuldade de se reeleger vai ser grande. Ele depende da bancada anticomunista no Congresso. Mas ficam claros os erros no processo judicial dos cubanos. O fato de eles terem sido julgados em Miami, que é uma cidade visceralmente anticomunista, é a crônica da condenação anunciada.

CI - O senhor também se sentiu um espião ao portar 6 mil documentos secretos do FBI? FM - Acho que todo o jornalista tem um pouco de espião. Nós entrevistamos. Os espíões interrogam. Mas a essência é a mesma. Há de se ter um vigor adicional na apuração, confrontar muita informação. Confesso que essa trabalheira toda é que me mantém vivo e ativo, com 65 anos. É o que me sustenta e o que me faz ter tesão pela vida. CI - Este décimo livro é o futuro da grande reportagem? FM - Para mim tem sido nos últimos 30 anos. Todos os meus livros poderiam ser publicados em jornais e em revistas, porque eu não escrevo uma linha que não possa ser comprovada. E hoje tem o acréscimo da internet e da liberdade de expressão. Se você tiver o que dizer, vai ter audiência. Pode ser um indicador; não sei, mas uma revolução está acontecendo nas nossas barbas.

CI - Há alguma perspectiva de abertura do regime cubano? FM - Não se pode discutir a realidade cubana sem considerar o bloqueio. São 50 anos de agressões. O Raúl já fez alguns acenos de abertura, que pretendem consentar medidas muito radicais do início da Revolução. Pô, estavam até manicures. Se haverá mudança política? Enquanto existir o bloqueio e os EUA forem inimigos tão agressivos da Revolução, eu acho que é muito difícil.



Antonio Guerrero (Miami, 1958), Engenheiro naval, poeta, dois filhos.



Gerardo Hernández (Havana, 1965), casado. Graduado pelo Instituto cubano de Relações Internacionais.



Ramón Labañino (Havana, 1963), casado, três filhas. Graduado de Licenciatura em Economia na Universidade de Havana.

Julgar agentes de inteligência cubanos em Miami é o mesmo que julgar agentes de inteligência israelenses em Teerã

funcionário da Casa Branca sobre o julgamento dos cinco cubanos

A2